

## Diversidade cultural moçambicana: um olhar pela identidade da cultura e globalização em Moçambique

Zefanias Jone Magodo \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-9115-8772>

### RESUMO

A diversidade cultural é entendida como sendo a característica básica como as diferentes culturas se manifestam, sendo que estas podem ser variadas ou similares, agrupando comportamentos dentro do seu histórico. Essa diferenciação ou similaridade do comportamento, dentro de um determinado contexto territorial, conduz para uma determinada identidade cultural. No intuito de se compreender a diversidade cultural em Moçambique, a presente pesquisa procura trazer as diferentes identidades culturais moçambicana, com enfoque para a identidade cibarke, uma subdivisão do shona. Essa compreensão foi feita com base na pesquisa documental feita em documentos no ARPAC – Instituto de Investigação Sociocultural de Manica, sobretudo o relatório do Inventário do Património Cultural e Imaterial (PCI) do Distrito de Barué. Recorreu-se ainda na pesquisa bibliográfica, por meio de levantamentos da literatura em artigos científicos, jornais, revistas e teses. Onde concluiu-se que Moçambique apresenta uma diversidade cultural, desde os macuas, tsonga (shangana), sena, lomwe, chuwabu, nianja, Yao, Angones, Bitongas, Muchopes entre outros.

### PALAVRAS-CHAVE

Diversidade Cultural; Identidade Cultural; Cultura; Globalização

### Mozambican cultural diversity: a look at the identity of cibarke culture and globalization in Mozambique

### ABSTRACT

Cultural diversity is understood as the basic characteristic of how different cultures manifest themselves, and these can be varied or similar, grouping behaviors within their history. This differentiation or similarity of behavior, within a given territorial context, leads to a given cultural identity. In order to understand the cultural diversity in Mozambique, this research seeks to bring the different Mozambican cultural identities, focusing on the cibarke identity, a subdivision of the shona. This understanding was based on documentary research in documents at ARPAC - Institute of Investigation Sociocultural from Manica, especially in the report of the Inventory of Cultural and Intangible Heritage (PCI) of the District of Barué. Bibliographical research was also used, through literature surveys in scientific articles, newspapers, magazines and theses. Where it was concluded that Mozambique has a rich and long cultural tradition where different races, ethnicities and religions coexist, making there a display of multiplicity of cultural values that originate the cultural identities of Mozambique from the macuas, tsonga (shangana), sena, lomwe, chuwabu, nianja, Yao, Angones, Bitongas, Muchopes among others. And in terms of

---

\* é Licenciado em Ecoturismo e Gestão de Fauna Bravia pelo Instituto Superior Politécnico de Manica (ISPM), Mestre em Ciências Jurídicas Publico Forense pelo Instituto Superior de Ciências e Tecnologias Alberto Chipande (ISCTAC), Doutorando em Ciências Políticas e Relações Internacionais, pela Universidade Católica de Moçambique - Faculdade de Ciências Sociais e Políticas, Quelimane. É docente do Curso de Ecoturismo e Gestão de Fauna Bravia no ISPM. E-mail: zefanias.magodo@gmail.com

cultural manifestations of the cibarkes, basketry (kumanga zvitsero ne matengu), pottery (kuumba), carpentry (kutsema), ceramics (kudinda madina), cooking (kubika), hardware (kukoma), weaving (kuruka) stand out, traditional medicine (kurapa), traditional music and dance, tales (ngano), birth rite (kubarwa kwemwana), marriage rite (kurora), death rite (rufu) and rain rite (kuteta madzi).

## KEYWORDS

Cultural Diversity; Cultural Identity; Culture; Cultural Tradition; Globalization.

### **Txeu kultura moçambicana: Odja pa identidadi kultural i globalizason di Moçambique<sup>1</sup>**

#### RIZUMU

Txeu kultura ta intendedu komu karateristika bazika sima munti kultura ta manifesta sendu ki es pode ser variadu ô es podi ta parsi djuntadu ku konportamentu pamodi ses stória. Kel diferença ô kel parsi kes ta parsi na konportamentu dentu di un spasu ta faze kon ki es ten un sertu identidade kultural ô es ten algun kuza ki ta faze-s xinti povu ki ta pertense a un lugar ku ses krensa,ses tradison, ses abitús. Ku obujetivu di konprende kes munti Kultura ki ten na Moçambique, kel trabadju li ta traze kes txeu kultura ki ten na sosiedadi moçambicana , ma ku foku na identidadi di Cibarke ki ta faze parti di Shona . Inda kel studu li fasedu ku bazi na peskiza di dukumentu na ARPAC- Institutu di investigason sosiokultural di Manica, spesialmenti relatóriu di inventáriu di património kultural y imaterial (PCI) na munisipiu di Barué. Pa kel trabadju li rakoredu pa piskiza bibliográfika, ku livrus di artigu sientífiku, jornai, revista y tesis.Undi konkluidu ki Moçambique ten txeu kultura sima, macuas, tsonga (shangana), sena,lomwe, chuwabu, mianja, Yao, Angones, Bitongas, Muchopes i otus.

#### PALAVRAS XAVI

Txeu Kultura; Identidadi Kultural; Kultura I Globalizason.

#### Introdução

Moçambique é um país localizado na costa sudeste da África, cuja capital é a Cidade de Maputo, tendo como limite ao Norte a Tanzânia, Malawi e Zâmbia, a Oeste o Zimbabué, ao Sul a África do Sul e Suazilândia e pelo Canal de Moçambique, a leste. De acordo com Instituto Nacional de Estatística (2017)<sup>2</sup>, estima-se um total de 28,861 milhões de habitantes (oito milhões a mais que em 2007), dos quais 15,061 milhões são mulheres e 13,800 milhões são homens, sendo que as províncias da Zambézia e Nampula, as mais populosas.

O país tem 6,529 milhões de casas e 6,746 milhões de agregados familiares. Uma população com aproximadamente sessenta grupos étnicos diferentes, sendo o maior

<sup>1</sup>O resumo foi traduzido para a língua cabo-verdiana por Filomena Vicente, aluno do Mestrado em PL2 da Universidade de Santiago, Cabo Verde.

<sup>2</sup> Dados do Censo Geral da População. Censo 2017 Brochura dos Resultados Definitivos do IV RGPH - Nacional»(PDF). Instituto Nacional de Estatística. 29 de abril de 2019.

grupo, o *Makua-Lomwe*, no Norte, responsável por cerca de metade da população, existindo ainda os *Makonde*, perto da costa, os *Yao*, perto do Lago Malawi e os *Swahilis*. Na zona centro os *senas*, os *nyanjas* e *shonas* (que incluem os *ndaus*, *tewes*, *cibarues*) e as tribos do Sul incluem os *Tsonga*, os *Karanga*, os *Chopi* e os *Nguni* (incluindo os *zulus*).

Moçambique, e como a maioria dos países da África, não possui uma identidade cultural específica, apresentando aspectos que o ligam a outros países vizinhos e mesmo a outros continentes (Santiago, 2019). Ao conquistar a independência, em 1975, após quase quinze anos de guerra contra os portugueses, os líderes moçambicanos buscaram eliminar a língua do colonizador, mas isso se tornou impraticável ante a variedade de línguas presentes no país, que possuem importância regional, mas não alcance nacional (UNESCO, 2010).

Estes argumentos podem ser sustentando com o pensamento de Fabietti (2002), ao referir que a cultura sendo um conceito em crise deve ser reformulado, uma vez que o próprio processo de globalização que o mundo está mergulhado, levanta novas questões e desafios à reflexão antropológica. Assim como Boon (1983); Clifford (1988); Geertz (1989); Wagner (1992), que consideram a cultura como algo indefinido, que já não serve para a pesquisa científica, um autêntico obstáculo, um enredo de difícil solução, uma atrapalhação e uma invenção dos antropólogos.

Assim, a partir dos finais do ano 1800, Matthew Arnold e Edward Tylor (o pai da antropologia moderna) trazem conceitos para cultura, sendo que Tylor (1871), argumenta que a cultura é um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e varias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade, enquanto Arnold (1965), diz que a cultura é o conseguimento da perfeição, implicando uma condição interna da mente e do espírito através do bom e do melhor que se pensou e se dizia na historia.

Pode-se perceber na definição de Tylor que a cultura é algo que não se transmite biologicamente, sendo que o homem adquire dentro da sociedade onde ele se encontra inserido. Pensamento este defendido pela UNESCO no encontro de México em 1983, que definiu a cultura como sendo um conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, abrangendo, além das artes e as letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Mas, é preciso compreender que todo esse processo pode ser visto como a enculturação. O termo enculturação é considerado ao processo consciente ou inconsciente, pelo qual todo

individuo adquire do seu grupo social, todo o necessário para a sua plena inserção na sociedade a que pertence. (Herskovits, 1948).

Aliada a enculturação, existe a diversidade, que é a característica básica de formas de vida e das manifestações de cultura na terra, podendo ser biológica ou cultural, concorrendo para três tipos de diversidade cultural, a genética (variações e similaridades genéticas entre as pessoas), a linguística (diferentes linguagens e sua distribuição em regiões) e a diversidade de cultura, referente ao complexo de indivíduos e comportamentos, (Takahashi, 2006).

Mas Sacristán (2002) refere que a diversidade são manifestações normais dos seres humanos, dos factos sociais, das culturas e das respostas dos indivíduos frente à educação nas salas de aula, podendo aparecer mais ou menos acentuada, mas é tão normal quanto a própria vida, e devemos acostumar-nos a viver com ela e a trabalhar a partir dela.

## **1. Moçambique e a diversidade cultural**

Reza a história que os primeiros habitantes em Moçambique, eram pequenos grupos de caçadores e colectores, os Bosquímanos (os *Khoi* e os *San*), um grupo nómada que acabou se mudando e contraindo matrimónio com os povos bantu. Para se estudar a sua diversidade cultural, Costa (2006), considera que não podem ser meditados como uma matriz teórica, mas sim uma variedade de contribuições que aparecem como uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes da modernidade.

Em termos de diversidade cultural, Moçambique apresenta uma das características mais preciosas que, por coincidência, acompanha também a sua diversidade biológica, que de acordo com Takahashi (2006), as áreas com grande diversidade biológica também reúnem grande diversidade cultural, por exemplo, a Índia tem 309 línguas e possui 15.000 tipos de flores nativas; a China tem 77 línguas e 30.000 tipos de flores nativas. Para o caso de Moçambique, encontra-se dividido em múltiplas linhas étnicas e linguísticas, isto é, marcada pela miscigenação cultural que advém das migrações bantu e do contacto que estes tiveram e vão tendo com os árabes, asiáticos e o ocidente.

Os moçambicanos frequentemente se identificam principalmente com uma tribo e / ou grupo linguístico. No entanto, o movimento de independência iniciado na década de 1960 foi uma força unificadora, fazendo com que esses elementos díspares se unissem na resistência aos portugueses. Ironicamente, alguns dos principais factores unificadores do país foram remanescentes do sistema colonial, incluindo a língua portuguesa e a

religião católica romana. Isto é mais evidente no vale central do Zambeze, onde a influência portuguesa foi mais forte (UNESCO, 2010).

Segundo Santiago (2019), Moçambique é um país de grande diversidade cultural, com um total de 43 idiomas, dos quais se destacam o *macua*, *tsonga* (*shangana*), *sena*, *lomwe*, *chuwabu* e o *nianja*. O *tsonga*, por exemplo, é falado pela etnia de mesmo nome, que está espalhada por Moçambique, África do Sul, Zimbábue e Suazilândia. Já a língua *nianja*, por sua vez, é falada pela etnia *chewa* e mais alguns povos próximos a eles, em Zâmbia, Zimbábue, Moçambique e Malawi, sendo que neste último país ela é oficial. Para o INATUR – Instituto Nacional do Turismo de Moçambique (2016)<sup>3</sup>, Moçambique tem vários grupos étnicos com diferentes idiomas, culturas e desenvolvimento histórico. Os Povos Bantu que não constituindo uma raça específica, mas um conjunto de grupos com uma cultura comum e linguagem similar estão na origem das etnias dominantes, nomeadamente, "Yao", "Macua", "Angones", "Nyanjas", "Tongas", "Bitongas e os "Muchopes" que se distribuem por ordem do Norte ao Sul.

A mesma entidade (2016), salienta que as comunidades swahili instaladas nas áreas costeiras são responsáveis pela introdução do Islamismo em Moçambique, assim como os indianos e europeus dispersos pelo país, sendo que as línguas, as chamadas línguas nacionais são todas de origem Bantu (*emakhuwa* 26,3%, *xichangana* 11,4% e *elomwe* 7,9%), com exceção do português que é a língua oficial, desde que o país se tornou independente e o inglês é a língua de negócios, usada maioritariamente nas zonas urbanas ou zonas onde o turismo ganhou maior espaço na vida das comunidades, (INATUR, 2016).

Mas a cultura moçambicana, na sua edição de segunda-feira (31 de Julho de 2017)<sup>4</sup>, refere que existem em Moçambique cerca de 20 grupos linguísticos e eles são contrários ao português largamente falado, especialmente nas zonas urbanas e hoje, cerca de 25% da população fala português, com características socioculturais específicas, não havendo unanimidade sobre a designação genérica desses grupos (regime de parentesco), por razões óbvias, durante o período colonial esses grupos eram designados por tribos, etnias ou grupos étnicos, sendo o rio Zambeze a fronteira natural.

A norte deste (rio Zambeze) localizam-se os povos matrilineares: *Makonde*, *Yao*, *Makhuwa*, *Nyanja* e outros localizados no Zambeze superior, como os *Nsenga* e os

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.visitmozambique.gov.mz/index.php/mocambique/informacoes-uteis/os-povos.html> . Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://culturamocambicana.blogspot.com/2017/07/principais-grupos-etnicos-de-mocambique.html> . Acesso em: 28 nov.2019.

*Pimbwe*, por exemplo. A sul, encontram-se os povos patrilineares congregados nos seguintes grupos: *Shona*, *Tsonga*, *Chope* e *Bitonga*. Entre os povos patrilineares figura também o grupo *Nguni*, cujos núcleos se encontram espalhados pelo País. No Vale do Zambeze, uma zona de transição, situam-se povos de simbiose das influências matrilinear e patrilinear, dos quais se destacam: *Chuwabo*, *Sena* e *Nyungwe*. Para além dos grupos identificados, existem outros localizados na costa norte, cuja característica particular é a influência patriarcal islâmica que apresentam: são os *Mwani*.

Segundo Ferreira (1982), os Makondes localizados no extremo norte, junto ao rio Rovuma, bem como no sul da Tanzânia, apresentam como traços culturais particulares a escultura em madeira, o uso de máscaras nas cerimónias relacionadas com os ritos de iniciação e a execução da dança tradicional conhecida por “*mapico*”.

Os Yao, também conhecidos por Ajaua, ocupam a região junto ao lago Niassa e o norte da província com o mesmo nome, são encontrados no Malawi e no sul da Tanzânia, eram povos bastante activos no comércio à distância, ligando as regiões do interior com a costa do Índico: Quílua, na Tanzânia, e Ilha de Moçambique. Antes dos finais do século XVIII eram os principais fornecedores de marfim e no primeiro quartel do século XIX transformaram-se nos maiores fornecedores de escravos exportados para Mossuril (Ferreira, 1982). Tendo-se islamizados mais cedo que outros povos do interior devido ao seu contacto regular com a costa.

Os Makhuwa, por vezes considerados como duas entidades diferentes, constituem a etnia de Moçambique dispersa por um vasto território que no passado se estendia, do rio Zambeze ao rio Messalo, a Sul e Norte, respectivamente, do Oceano Índico, a Este, até à actual fronteira com o Malawi, a Oeste. Na actualidade, com o centro em Nampula, os *Makhuwa-Lomwe* espalham-se para partes das províncias de Cabo Delgado, Niassa e Zambézia. Importantes agrupamentos se encontram também no Madagáscar, no sul da Tanzânia e no Malawi, também a sul (Ferreira, 1982).

Os Maraves, povos localizados a norte do rio Zambeze, na Província de Tete e na parte ocidental da Província do Niassa, tomam a designação de Nyanja, enquanto os de Malawi são chamados Chewa. Para além do Malawi, importantes sectores do povo Nyanja se localizam na Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe. Estes povos são associados ao império do mesmo nome que se desenvolveu nas regiões onde hoje é Zambézia e Nampula, por volta dos séculos XVI e XVIII e que, tal como os Ajaua, se envolveu no comércio de marfim e de escravos. Possuem uma organização matrilinear e tradições culturais particulares. Junto ao rio Zambeze concentram-se inúmeras etnias com

características específicas e exteriores aos grupos étnicos referidos, como são os casos dos Chuwabo, Sena e Nhungwe, designados habitualmente como “Povos do Baixo Zambeze” (Ivala, 2002).

Os Shona ocupam os territórios entre os rios Save e Zambeze, subdividindo-se em três grupos distintos: Ndaus, Manyka e Tewe. De uma forma geral, surgem espalhados pelas províncias de Manica, Tete e Sofala e, ainda, por algumas províncias do Zimbábue. Esta etnia está associada às ruínas do grande Zimbábue, entre outros amuralhados de pedra da região. Fazem parte de um grupo de povos de línguas bantu que habitam o Zimbábue, a norte do rio Lundi, e no sul de Moçambique. Foram notáveis por suas peças de ferro, cerâmica e música, dentre os quais podem ser destacados os *zezuru*, *karanga*, *manyika*, *tonga-korekore* e *ndaus*. Estes ndaus são um grupo étnico que habita o vale do rio Zambezi, do centro de Moçambique até o seu litoral, e o leste do Zimbábue, ao sul de Mutare. Os ancestrais dos ndaus eram guerreiros da Suazilândia que se misturaram com a população local, constituída etnicamente por manikas, barwes, tewes, nas províncias moçambicanas de Manica e Sofala.

Os Bitonga e os Chope concentram-se no sul do país, junto à costa, e nos arredores da Cidade de Inhambane, os primeiros, e numa faixa que vai para mais a sul, os segundos que também povoam parte de Gaza, mantiveram ao longo dos séculos uma proximidade cultural com os Tsonga. Os chopes são dos distritos de Zavala e Inharrime, na Província de Inhambane. Este povo viveu tradicionalmente da agricultura de subsistência. Historicamente, alguns chopes foram escravizados e outros tornaram-se trabalhadores migrantes na África do Sul. Os chopes são conhecidos internacionalmente pelo instrumento musical *mbila* e dança associada, uma manifestação cultural conhecida desde o tempo de Gungunhana, que foi considerada pela Unesco, como Património Oral e Imaterial da Humanidade. Os chopes identificam-se culturalmente, como povo, com o elefante.

Os Tsongas subdividem-se em três grupos particulares: os Ronga (do extremo Sul até ao rio Limpopo), os Changane (junto ao rio Limpopo) e os Tswa (a norte do rio Limpopo e até ao rio Save), com continuidades nos territórios da África do Sul e da Suazilândia. Possuem uma organização patrilinear. Os Tsonga constituem o grupo que, durante os três últimos quartéis do século XIX estiveram sob influência directa do império nguni de Gaza. Landins ou Vátuas, era o nome genérico dado aos indígenas de Moçambique, a sul do rio Save. Tinham tradições guerreiras sendo o seu último grande

imperador, Gungunhana o Leão de Gaza, sido destronado pelos portugueses depois de grandes combates entre 1894 e 1895.

## 2.A cultura do povo cibarke

Dentro das várias entidades culturais de Moçambique, a presente pesquisa se cinge no povo cibarke, uma subdivisão dos shonas, que no período colonial saiam de Sena, na Província de Sofala, e iam trabalhar nas minas e plantações da Rodésia do Sul (actual Zimbabwe), no seu regresso para além de comprarem seus mantimentos, pagamento de impostos, adquiriam roupas novas que durante a longa caminhada para sua zona de origem, eles tiravam a roupa velha, suja e rasgada e deixavam nos rios onde por ai tomavam banho e descansavam (ARPAC-2016). O termo roupa velha, suja e rasgada é designada *Matsakara* em língua Cibarke, razão pela qual o local onde foi feito o estudo desta etnia ser chamada *Nyatsakara* ou *Nhanssacara* (influencia da língua portuguesa).

De acordo com a mesma instituição (2016), a zona de Nhassacara serviu de corredor do movimento migratório entre Moçambique e Zimbabwe e a mesma acredita que *Samanyanga*<sup>5</sup> tenha sido o primeiro líder tradicional a governar aquele território no período pré-colonial. Em termos de manifestações culturais, estes povos desenvolvem a cestaria (*kumanga zvitsero ne matengu*), olaria (*kuumba*), carpintaria (*kutsema*), cerâmica (*kudinda madina*), culinária (*kubika*), ferragem (*kukoma*), tecelagem (*kuruka*), medicina tradicional (*kurapa*), música e dança tradicional, contos (*ngano*), rito de nascimento (*kubarwa kwemwana*), rito de casamento (*kurora*), rito de morte (*rufu*) e rito de chuva (*kuteta madzi*).

### 2.1.A cestaria

A cestaria é uma tarefa masculina de utilização feminina, vem sendo executada desde os tempos imemoriais pelos ancestrais do grupo, e tem vindo a sofrer algumas mudanças, essencialmente no que diz respeito a pintura dos objectos para dar mais estética, algo que em tempos não acontecia. Outro aspecto, tem a ver com o facto de que antigamente a peneira e esteira produzidas eram objectos preparados e utilizados especificamente em cerimónias de casamento, ritos fúnebres e outros locais de convivência social.

---

<sup>5</sup> Na língua Shona, *Samanyanga*, quer dizer senhor do marfim.

Actualmente, devido ao desenvolvimento socioeconómico e a intensificação das trocas comerciais ao nível das comunidades, a peneira e a esteira, vem ganhando valor económico através da importância que se verifica devido a exibição em exposições ao longo das vias públicas para venda com objectivo de sustento familiar, notando-se inconsistência dos objectos (pois são feitos com tamanha rapidez para ganho de valor com a sua venda, aliada pela falta de experiência de alguns artesões), o que ocasiona em fabrico de objectos sem qualidades.

Esta actividade para além de testemunhar a história de convivência do povo Tonga e cibarke ao longo da sua existência, os objectos resultantes desta prática podem ser encontrados um pouco por todo o país tanto nas zonas rurais como urbanas, fruto da intensificação das trocas comerciais entre as comunidades, mas que a dado momento vai se escassear devido ao desaparecimento da matéria-prima para a fabricação de objectos da cestaria por corte e uso desenfreado, bem como na tendência cada vez mais reduzida na transmissão dos conhecimentos relativos aos valores socioculturais inerentes a esta actividade.

## 2.2.A culinária



A culinária é tarefa exclusiva para as mulheres, sendo que os vegetais ocupam um papel importante na culinária local, a par de milho, mandioca, inhame, feijões entre outros, podendo se encontrar variedade de pratos tais como massa de mapira (*nsima ramapira*), massa de milho (*nkura yamagwere*), caril de folha de abóbora (*muliwo wa tikiti*), **quiabo** (*therere*), caril de folha de feijão nhemba (*muliwo wa mkunza*) e quiabo do chão que nasce naturalmente (*tove/kwechete*). O **quiabo**, para além de ser fonte de alimento também é considerado medicinal, porque aconselha-se a mulheres a consumir durante o período de gestação pois segundo os nossos entrevistados, o consumo deste nesta fase facilita o parto devido a sua viscosidade. Para além desta convicção, ainda no dizer dos mesmos, acredita-se que o alimento proporciona um ambiente agradável dentro da barriga da gestante. Portanto esta convicção tende a desaparecer com o tempo, (ARPAC, 2016). *Tove/kwechete* é um prato tradicional na base do quiabo de baixo, neste caso, o de folhas (Ibdem, 2016). Este vegetal ocupa um papel importante na culinária e nos hábitos alimentares das comunidades locais. Porém, este prato também é uma das principais fontes de vitaminas e proteínas a semelhança do milho, feijão e outros. O *kwechete* é um vegetal de folhas finas e cada 100 grama possui aproximadamente, 32g

de calorias, 0.2g de gorduras, 7mg de sódio, 299g de potássio, 7mg de carbo hidrato, 3.2g de fibra alimentar, 1.5g de açúcar e 1.9g de proteína. (MBRAPA: 2008).

No passado a comida era servida no mesmo prato para todos a excepção do pai da família e das crianças de idade menor. Actualmente verifica-se a mudança deste hábito, o pai passa a refeição junto dos filhos mais velhos e casados, na qual, as esposas trazem a comida para estes. Os solteiros passam a refeição na casa (*guero*) dos jovens, enquanto as noras e as filhas da casa passam junto da sogra e da mãe, respectivamente. Em tempos, a água usada para beber durante a refeição era servida na cabaça (*senkombo* ou *ndiko*), que devia ser entregue ao interessado pelo pai ou mãe.

### 3.As danças tradicionais

As danças tradicionais são conceituadas como sendo a arte de movimentar expressivamente o corpo seguindo movimentos ritmados, em geral ao som de música (ARPAC, 2016). Constituem danças tradicionais dos cibarke, as seguintes:

a) *Mafuwe*: originária do Distrito de Changara, Província de Tete. É praticada por homens e mulheres das mais variadas idades sendo que, antigamente, era executada somente em cerimónias fúnebres (*nkawa*) e de pedido de chuva (*kuteta madzi*) e actualmente verifica-se igualmente nas cerimónias de recepção de dirigentes, cerimónias públicas, dias comemorativos, festivais de cultura e outras festividades e celebrações. As crianças participam na dança somente em actos festivos, o que possibilita a sua aprendizagem, sendo que estas não podem fazer parte aquando da execução em cerimónias fúnebres, pois em sociedades africanas tradicionais a morte é considerada como algo assustador principalmente para as crianças e que geralmente não estão preparadas para lidar com o fenómeno, (ARPAC, 2016).

b) *Wassarakuronga kokoriko jongwe*: cantada em rituais fúnebres, a letra pede aos presentes, principalmente aos familiares para chorarem pelo ente querido, deixando de parte a identificação de culpados pela morte, uma característica típica das sociedades africanas em caso de morte. Neste ritual, a dança pratica-se enquanto se aguarda pela chegada dos membros da família para o enterro, sendo que, depois do enterro, ela não é executada. O toque do batoque *kwenje* é usado para anunciar a morte (*kuzimbula nkhawa*) na comunidade.

c) *Kuteta madzi*: cantada no ritual de chuva, trata-se de uma canção de pedido de chuva aos espíritos, para que os filhos não morram de fome. Neste ritual, participam todos os anciãos e membros reconhecidos da comunidade, em cerimónias oficiais ou públicas,

dias comemorativos, festivais de cultura e outras festividades e celebrações o conteúdo das canções enaltece os feitos dos dirigentes nas mais variadas esferas da vida e versam a respeito da ocasião e do dia-a-dia da sociedade. Aspecto frequente em quase todas essas ocasiões é a evocação durante os cânticos dos espíritos *nyangulo*, considerado guardião da comunidade.

#### **4.Rito de Nascimento (*Kubarwa kwemwana*)**

O nascimento é um evento repleto de significados, não só por ser um facto biológico, mas também por ser uma representação da forma através da qual as pessoas se relacionam e desenvolvem diferentes actividades sociais, ou seja, pode ser considerado ritual de passagem. No contexto *cibarke*, o nascimento é uma festa por tratar-se de um acto que perpetua a espécie humana, por isso envolve um conjunto de rituais cercados de crenças e tabus.

Um filho para a família significa esperança da continuidade da vida que iniciou com os seus antepassados, por isso, o nascimento de uma criança é sinónimo de alegria. Os filhos garantem um prestígio, isto é, quanto mais filhos tiverem, mais aliados terá para a vida social e económica. Um homem que tem muitos filhos não tem de contratar mão-de-obra para realização das suas actividades, pode dispor do trabalho de muitos braços em seu benefício. Neste contexto os chefes das unidades da família, os maridos, controlam a sexualidade, estabelecendo as regras e formas de comportamento sexual. Enquanto a mulher, tem a função de reprodutora. Por este motivo, a infertilidade pode levantar problemas no relacionamento conjugal porque uma das expectativas mais importantes do matrimónio são os filhos.

Antigamente, quando um homem não conseguia fazer filhos (*ngomwa*), podia se manter no matrimónio com possibilidades de contratar secretamente um irmão para fazer os filhos em seu nome. O mesmo já não acontecia com a mulher. Se ela é estéril, geralmente o marido casa outra mulher ou em algumas vezes é expulsa do matrimónio. Este facto acontece porque, a forma de descendência do povo *cibarke* é patrilinear, isto pressupõe que a herança seja transmitida pelo pai, isto é, a filiação é sempre consanguínea.

#### **5.Rito de casamento (*kurora*)**

No grupo etnolinguístico *cibarke*, o casamento é patrilinear, isto é, a herança dos bens se transmite directamente ao filho (homem). Este sistema considera o casamento

como troca de serviços entre duas famílias pertencentes a clãs diferentes. Um dos lados das famílias cede a capacidade procriadora de um seu membro feminino, e como forma de compensação, a outra parte recebe valor monetário, produtos ou animais que variam em função da capacidade da família interessada. Em quase todo rito de casamento, a família do rapaz (*mupare*) é quem deve se deslocar a casa da rapariga (*musikana*), antecedidas por pagamento de valor monetário simbólico (*bano*) para início do diálogo e acompanhadas por simbolismos de carácter compensatório aos pais da rapariga ou dote (*Phaza Mpete*). *Phaza Mpete* é uma compensação matrimonial a pedido da família da noiva, geralmente paga na totalidade ou em prestações pelo pretendente (rapaz) à noiva e seus pais. Por um lado, tem o valor de prova da aliança, por outro, tem o significado de indemnização aos pais da rapariga devido a privação dos serviços agrícolas e caseiros que a rapariga desempenharia se estivesse na casa deles (*Ibidem*).

ARPAC (2016) associando-se ao pensamento de Cipire (2007), refere que nos *cibarke*, a mulher é retirada do seu convívio familiar para ir viver na casa da família do marido, onde os bens que são exigidos para compensação pela filha deixaram de ser simbólicos, passando a satisfazer necessidades económicas da família da rapariga e adequados a realidade presente. Por exemplo, actualmente para o *lobolo*, é comum solicitar-se casacos, sapatos, vinho, valores monetários avultados, etc., itens que em tempos não existiam.

## 6.Rito da morte (*rufu*)

Para os *cibarke*, o *rufu* significa o desaparecimento físico de um indivíduo que jamais voltará, o qual deve ser enterrado numa cova ou caverna. Porém, considera-se um momento importante porque acredita-se que o indivíduo transita do mundo dos vivos para o mundo espiritual ou ancestral, que em muitos casos, torna-se protector da família ou comunidade.

Vale ressaltar que neste grupo étnico, a morte sempre foi um mistério com repercussões diferentes para os vivos, por considerarem um fenómeno complexo e inexplicável que afecta a vida da comunidade, devendo esta, realizar rituais que eles acreditam possuir poder de afastar os espíritos malignos na povoação. O que se não for cumprido sem rigor, critérios e normas estabelecidas podem trazer implicações como doenças, mortes, entre outras (ARPAC, 2016).

## Conclusão

Da presente pesquisa, constatou-se que Moçambique possui uma rica e longa tradição cultural onde as diferentes raças, etnias e religiões coexistem, fazendo com que haja uma mostra de multiplicidade de valores culturais que no seu todo originam a identidades culturais de Moçambique.

Em termos de número, alguns autores e antropólogos referem para mais de 43 diversidades culturais, sendo a destacar os macuas, tsonga (shangana), sena, lomwe, chuwabu, nianja, Yao, Angones, Bitongas, Muchopes e que apesar dessa diferenciação cultural etnolinguística, diferentemente de outras regiões, não se regista nenhum conflito entre os mesmos.

## Referências

- Arnold, M. (1965). *Culture and Anarchy, a cura di R.H. Super*. University of Michigan Press, Ann Arbor.
- ARPAC – Instituto de Investigação Sociocultural de Manica. (2016). *Património cultural imaterial do Distrito de Báruè: caso da localidade de Nhassacara*, Manica.s.e.
- Boon, J. (1983). *Other tribes, other scribes*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Clifford, J. (1988). *I frutti puri impazziscono*. *Etnografia, letteratura e arte nel secolo XX*, Bollati Boringhieri. Torino.
- Costa, S. (2006). *Muito além da diferença: (im) possibilidades de uma teoria social pós-colonial*. [Em Linha]. Berlim. [Consultado a 28.11.2019]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/45533618-Muito-alem-da-diferenca-im-possibilidades-de-uma-teoria-social-poscolonial.html> Acesso em: 19 jun.2023.
- Fabiatti, U. (2002). *Identità Étnica*. Carocci, Roma. Edizione: Maggio.
- Ferreira, A. (1982). *Agrupamento e caracterização étnica dos indígenas de Moçambique*. Lisboa. Disponível em: <http://www.malhanga.com/flipbook/estudos.documentos/> Acesso em: 24 out.2019.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Herskovits, M. (1948). *Man and his works: The Science of Cultural Anthropology*. Alfred Knopf. New York. Northwestern University.
- Ivala, A. (2002). *O ensino de História e as relações entre os poderes autóctone e moderno em Moçambique, 1975-2000*. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

Sacristán, J. (2002). *Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed.

Santiago, E. (2019). *Cultura moçambicana*. São Paulo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/cultura/cultura-mocambicana/>. Acesso em: 24 out.2019.

Tylor, E. (1871). *Primitive culture*. John Murray, London. Oxford University.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (2010). *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. Editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília. Universidade Federal de São Carlos.

Wagner, R. (1992). *L'invenzione della cultura*. Milano. Ugo Mursia Editore.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

**Para citar este texto (ABNT):** MAGODO, Zefanias Jone. Diversidade cultural moçambicana: um olhar pela identidade da cultura e globalização em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p.49-62, jul./dez. 2023.

**Para citar este texto (APA):** Magodo, Zefanias Jone. (jul./dez.2023). Diversidade cultural moçambicana: um olhar pela identidade da cultura e globalização em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 49-62.